

ANTROPOLOGIA E OS PRINCIPAIS CONCEITOS

META

Apresentar os diversos conceitos da Antropologia.

OBJETIVOS

Ao final desta aula o aluno deverá:
conhecer e relacionar os principais conceitos da Antropologia com os fenômenos culturais.

PRÉ-REQUISITOS

Conhecer a definição de Antropologia, o seu objeto e objetivos, bem como a relação entre o conceito de cultura e o processo de construção da prática Antropológica.



INTRODUÇÃO

Pretérita

Passada.

Arcabouço teórico

Conjunto de conceitos e de categorias de uma determinada ciência.

Apresentei na aula **pretérita** que uma ciência é constituída em função da definição clara do seu objeto de estudo, mas, sobretudo, em função da construção dos métodos, das técnicas e do arcabouço teórico para o desenvolvimento da pesquisa. Com a Antropologia não foi diferente. Foi necessário definir objeto e objetivos e a construção dos principais conceitos para uma prática pretendida como científica. Nesta aula mostrarei os principais conceitos desenvolvidos pela Antropologia, os quais foram fundamentais no processo de construção dessa ciência.



TEORIA

O objeto de estudo da Antropologia é o homem total, em todos os lugares e em todas as épocas, estudado na perspectiva das suas interações sociais e culturais. Estudar o homem dessa forma implica percebê-lo no interior da sociedade como construtor de cultura. Mesmo que a Antropologia tenha contribuído para mudar a visão do homem sobre o homem, ainda assim, na segunda metade do século XIX esse homem total era visto como primitivo, ou seja, como o **ancestral** do homem europeu e sempre na condição de ser inferior.

O grande passo da Antropologia naquele período foi o de superar a dicotomia homem civilizado versus homem primitivo. Essa dicotomia implicava, obrigatoriamente, na prática daquilo que ficou denominado de etnocentrismo. É bom que se destaque que as práticas etnocêntricas não foram exclusivas da Antropologia do século XIX ou dos europeus de uma maneira geral. Essa visão fez e ainda faz parte do cotidiano dos seres humanos.

Tentarei, por meio de exemplos, melhor esclarecer esse conceito. Já está claro que o etnocentrismo fundamenta-se na idéia de que um indivíduo ou grupo de indivíduos olha o outro como se este fosse inferior. O exemplo apresentado se refere ao europeu, homem comum ou pesquisador da Antropologia, que olhava o nativo dos outros continentes atribuindo-lhe qualidades inferiores. Por que eram tratados como inferiores? Na verdade o europeu avaliava o outro a partir das suas próprias características, ou seja, o outro, na perspectiva do olhar etnocêntrico, tinha que apresentar os mesmos padrões culturais da sociedade européia. Na medida em que isso não acontecia, era então considerado inferior.

Os manuais de Antropologia – todos constantes na bibliografia desta aula - apresentam exemplos que são muito ilustrativos para o tema em discussão. Em um desses manuais, conta o seu autor que, durante o movimento de neocolonização européia e americana no Continente Africano, uma mulher inglesa, trajando roupa característica do seu país, viajava em trem freqüentado por brancos e por negros. Em determinado momento da viagem, em uma das paradas, entrou uma mulher negra, completamente nua. A mulher inglesa, preocupada com a nudez da mulher negra, ofereceu-lhe o seu xale, que foi imediatamente aceito. Contudo, para desespero da doadora, o xale foi transformado em turbante e colocado sobre a cabeça, mantendo-se integralmente a nudez.

A compreensão da história é a seguinte: a mulher inglesa ao perceber a mulher negra e a sua completa nudez, viu-a completamente fora dos padrões de cultura. Só que esses padrões de cultura relacionavam-se aos padrões da cultura inglesa. Queria, portanto, a mulher inglesa, ao oferecer o seu xale, que a mulher negra cobrisse a sua nudez incorporando o seu padrão de

Ancestral

Aquele que viveu antes do presente.

cultura. Contudo, para espanto da inglesa, a africana transformou o xale em turbante e o colocou sobre a cabeça. O espanto da inglesa corresponde a um comportamento etnocêntrico, ou seja, almejar que o outro – no caso aqui, a mulher africana – adotasse o seu comportamento de cultura. Esse tipo de comportamento a Antropologia denomina de etnocentrismo.



Outro exemplo que clareia muito bem essa questão alcança o lado oposto dessa relação entre civilizado e nativo, para mostrar que o etnocentrismo tem caráter universal. Quando os portugueses chegaram ao Brasil trataram os nativos – os nossos índios – com crueldade, fruto da visão etnocêntrica que tinham sobre eles.

Os nossos índios também não deixaram por menos e também tinham comportamentos etnocêntricos em relação ao branco português. Conta o narrador que um determinado grupo de nativos do território brasileiro matava o branco e o colocava dentro da água. Afirmavam então os nativos: se não apodrecer não é gente. O entendimento etnocêntrico do indígena brasileiro era semelhante ao do português ou de qualquer outro europeu, imaginava ele que todos os “outros”, por serem diferentes, não podiam ser considerados como gente. Dessa forma, era preciso tirar a prova dos nove: matá-lo, colocá-lo dentro da água e esperar para ver se apodrecia ou não. O outro, como não era ele próprio em função dos padrões culturais diferentes, não poderia ser considerado como gente. Comportamento etnocêntrico igual ao exemplo apresentado na história da mulher inglesa e da mulher africana.



Franz Boas

Antropólogo germânico (1858-1942). Seu trabalho contribuiu para firmar as bases da antropologia como ciência. Formulador do conceito de etnocentrismo. Em sua obra se contrapôs aos evolucionistas.

A Antropologia também adotou comportamento etnocêntrico ao tratar o nativo, objeto dos seus estudos, na qualidade de primitivo. Contudo, um antropólogo alemão e radicado nos Estados Unidos, **Franz Boas**, contribuiu firmemente para mudar esse cenário. Como aconteceu essa mudança? Esse antropólogo, ao fazer a crítica aos antropólogos evolucionistas, rompeu com a idéia de cultura humana ou cultura da humanidade como um todo homogêneo. Franz Boas entendeu que a cultura do homem só poderia ser interpretada na perspectiva da cultura local. Isto é, cada grupo tem uma cultura que é particular. Dessa forma, propunha “que um costume só tem significado se for relacionado ao contexto particular no qual se inscreve.” (LAPLANTINE, 2000, p. 77-78).

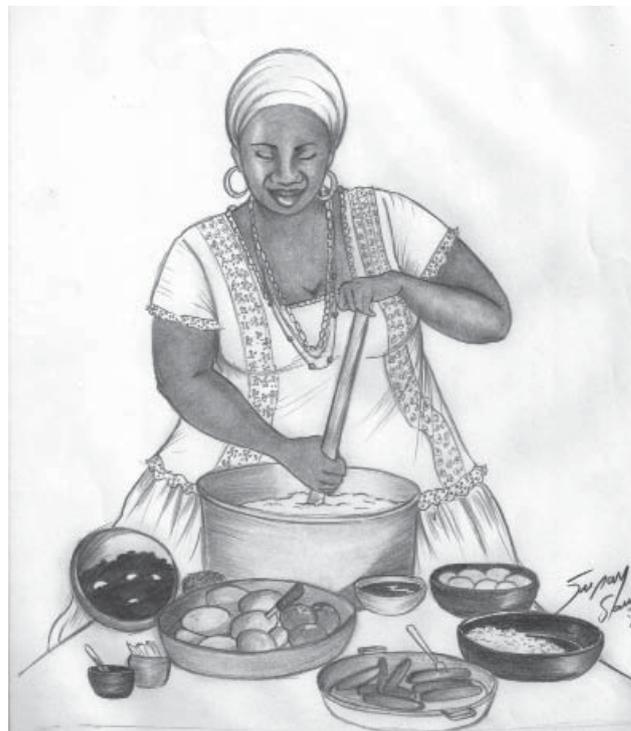
Essa mudança foi fundamental para o processo de substituição do conceito de etnocentrismo pelo conceito de relativismo na prática antropológica. Veja o significado dessa mudança: o etnocentrismo de indivíduos, de grupos ou da própria prática antropológica se pautou em uma visão que não considerava o outro como parte do seu mundo, ou, no máximo, o considerava integrante, mas em situação de inferioridade

– o outro era inferior porque não era igual àquele que lhe olhava.

A pesquisa antropológica mudou ao mudar as suas estratégias metodológicas: o outro passou a ser visto na condição de fazedor de cultura e essa cultura entendida a partir do contexto no qual estava inserida. Isto é, a análise não acontecia mais em função dos padrões do analista, mas em função dos padrões do próprio pesquisado. Veja os exemplos abaixo para que a sua compreensão possa melhorar.

Povos aparentemente iguais geram costumes culturais diferentes: nordestinos, habitantes de estados vizinhos (Bahia e Sergipe, por exemplo), têm costumes alimentares, vocabulários e regras morais bem diferentes, apesar da proximidade geográfica. Os baianos da capital e do Recôncavo usam quantidades grandes de dendê na produção dos seus alimentos, enquanto os sergipanos, da capital ou do interior, não se utilizam desse ingrediente alimentar. A análise dos contextos poderia concluir pela maior ou menor influência da cultura negra ou em virtude da maior ou menor incidência da palmeira geradora do fruto utilizado para a produção desse tipo de óleo, sem que isso permitisse atribuir a um ou outro grupo os graus de superioridade ou de inferioridade.

A relativização, nesse sentido, considera todas as culturas a partir dos seus respectivos contextos, ressaltando a importância dos indivíduos e dos grupos como genuínos produtores culturais. A prática relativista considera, a princípio, que não há culturas superiores ou culturas inferiores. As culturas são olhadas e analisadas em função dos seus ambientes sociais e as





necessárias interações no **ATIVIDADES** e de inventar e reinventar costumes, normas, valores etc.

Você deve construir exemplos do seu contexto histórico que apresentem características do etnocentrismo praticado pelos primeiros antropologistas, como também práticas que demonstrem a capacidade de relativizar do pesquisador.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

O etnocentrismo foi e continua sendo prática comum no cotidiano das pessoas e dos grupos sociais. A prática é universal, utilizada por povos considerados civilizados ou primitivos. A Antropologia, ao nascer no século XIX, analisava o outro na perspectiva dos seus próprios padrões culturais, concluindo pela existência de graus de valores: alguns são superiores e aqueles que não fazem parte dos seus costumes, foram avaliados como inferiores. A Antropologia mudou e passou a compreender o outro a partir dos seus respectivos costumes, anulando qualquer possibilidade da existência de superioridade ou inferioridade nas relações culturais.

CONCLUSÃO

A caminhada da Antropologia no contexto das práticas científicas foi marcada, de forma fundamental, pela passagem da prática etnocêntrica para a análise que priorizou relativizar os valores culturais. Essa passagem foi decisiva. Mesmo que hoje críticas sejam feitas ao relativismo, na medida em que o considera limitador das exigências científicas, ainda assim é possível concluir que esse conceito e mais o conceito de cultura são os balizares da prática antropológica. Qualquer trabalho antropológico prima pelo reconhecimento do outro e da sua cultura a partir do seu contexto sem qualquer construção de juízo de valor sobre o outro. Fazer antropologia é, obrigatoriamente, relativizar.

RESUMO

Esta aula ressaltou a importância do relativismo na prática antropológica. Para chegar a esse conceito a Antropologia foi obrigada a superar as práticas etnocêntricas do século XIX, dos primeiros antropologistas, que ainda pensavam e analisavam o homem e a sua cultura integrados a um todo homogêneo, ou seja, à humanidade. Relativizar foi incorporado ao método antropológico como premissa indispensável, mudando completamente a forma de fazer Antropologia.



REFERÊNCIAS

CASTRO, Celso. **Evolucionismo Cultural**: textos de Morgan, Tylon e Frazer. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor, 2005.

LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

ROCHA, Everardo P. Guimarães. **O que é etnocentrismo**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1996.

SANTOS, José Luis. **O que é cultura**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1994.